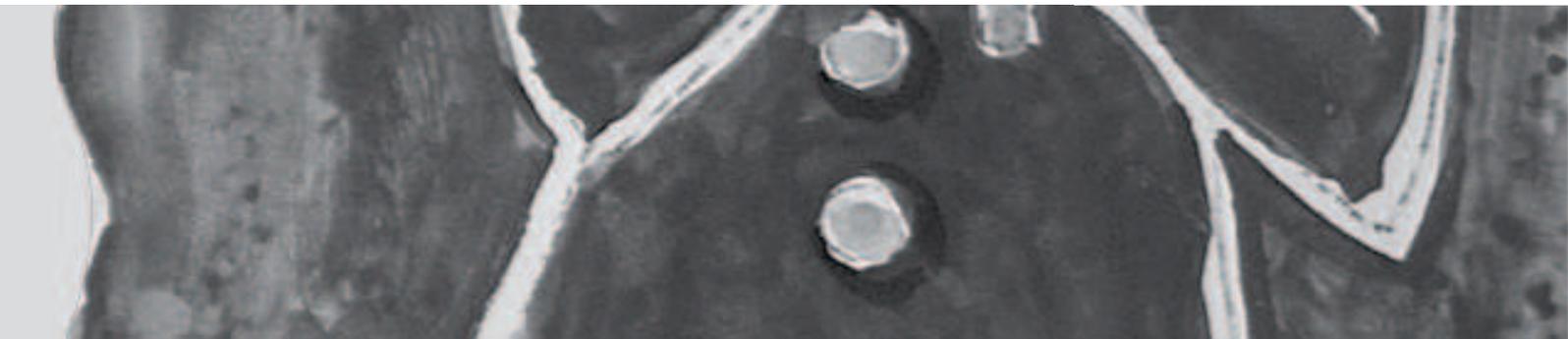


A RELEVÂNCIA DA FIGURA DO ESCRITOR FÉLIX LOPE DE VEGA CARPIO (1562-1635) Macarena Cuiñas Gómez¹

A importância do poeta e dramaturgo espanhol dos séculos XVI e XVII Lope de Vega é máxima. Destacou em dois âmbitos, se bem foi grande num deles: o teatro. Mas comecemos pela, talvez, menos reconhecida das suas virtudes: a de poeta. A primeira questão que tem que ser manifestada é o fato de que, se era bom dramaturgo porque conhecia como ninguém o gosto do público, e porque sabia como medir os tempos da ação e o ritmo da linguagem, e como distrair e seduzir o espectador; também o era porque entesourava um grande dom: o da versificação. E este está totalmente unido à sua tarefa de poeta. Trata-se de tarefas – a de dramaturgo e poeta – inequivocamente indissolúveis naquele período, ainda que a crítica se tenha empenhado em destacar só uma delas.

Lope escreveu muitos dos versos mais harmoniosos e lembrados do chamado Século de Ouro espanhol. A crítica e o público têm-no comparado sempre com os seus contemporâneos Francisco de Quevedo e Luis de Góngora, figuras chave da poesia espanhola da época. Frente a eles, Lope escreveu uma poesia amorosa, humorística, e religiosa, em um estilo simples, fácil, puro, mas culto. A sua forte personalidade trouxe-lhe inimizades, como a de Góngora, máximo expoente de uma poesia *cultista* e de estilo muito obscuro e rebuscado, embora, com certeza, de inquestionável qualidade literária. Este tinha Lope por poeta vulgar em lin-

¹ Doutora em Filologia Hispânica. Pesquisadora da Universidade de Vigo (Espanha). E-mail: <macarenacg@yahoo.es>.



guagem e temática. Vulgar como a sua vida, cheia de namoricos. Mas Lope viveu a sua humanidade com paixão e isto, unido ao seu enorme talento literário, foi o que fez dele uma das maiores personalidades da literatura espanhola de todos os tempos.

Uma questão preocupou sempre a Lope que ficou registrada nos testemunhos da época: o fato de ser reconhecido como dramaturgo, reconhecimento entendido como assunto menor na época por se tratar de uma transação comercial mal vista naquele tempo, e não o ser como poeta culto, reconhecimento que buscou durante toda a sua vida e pelo que ele queria ser lembrado realmente. Este foi o seu ponto fraco e os seus inimigos sabiam-no. No entanto, publicou umas *Rimas* em 1602, de grande sucesso a julgar pelas sucessivas reedições, umas *Rimas sacras* em 1614 e as *Rimas humanas y divinas del licenciado Tomé de Burguillos* em 1634, publicação próxima já à sua morte. Estes três livros, de temática amorosa, religiosa e humorística, respectivamente, mostram a altura da sua poesia, em linguagem eminentemente clara e simples, cheia de narração, descrição, lirismo, ritmo, emoção... Compõem uma obra poética compacta e extensa, mas que não foi reconhecida pela intelectualidade do momento. Não ao nível de Quevedo ou Góngora, apesar de que os seus versos circulavam manuscritos pelo Madrid da sua época sendo reconhecidos pelo seu estilo inconfundível. Com certeza, foi um dos grandes poetas da sua geração.

E como dramaturgo? Lope foi o criador da chamada *Comedia nueva* – a comédia nova –, oposta à preceptiva dramática dos escritores clássicos. A transmissão dessa preceptiva retórica no teatro espanhol teve uma linha de continuidade desde a Idade Média, com autores como Enrique de Villena e Alfonso de Cartagena, até o Renascimento, com Antonio de Nebrija, Luis Vives, El Brocense etc.,

culminando em textos como *La elocuencia española en arte*, de Bartolomé Jiménez Patón (1604), ou *Agudeza y Arte de ingenio* de Baltasar Gracián (1642; 1648). Além disso, o que se entendia como *poética* foi amplamente desenvolvido em textos como o *Discurso sobre la poesía castellana* de Gonzalo Argote de Molina (1575), ou *Arte poética en romance castellano* de Miguel Sánchez de Lima (1580). Eram reflexões teóricas que os leitores cultos da época tinham nas suas bibliotecas e que foram lidas pelos dramaturgos deste período. Esses preceitos versavam sobre a língua, a verossimilhança, o decoro, as três unidades clássicas (tempo, ação e lugar)²... Lope, por sua vez, escreveu o seu próprio texto de preceptiva dramática, o *Arte nuevo de hacer comedias*, que é um elemento de união entre as poéticas previas e o futuro do *tablado*.

O *Arte nuevo de hacer comedias* de Lope de Vega é fruto de uma palestra em verso que ministrou na Academia de Madrid no final de 1608. Quase imediatamente foi impressa junto à segunda edição das *Rimas*, em 1609. Trata-se de 389 versos decassílabos, ágeis e ligeiros, que contêm o saber de Lope sobre o teatro, como texto e como espetáculo, após vinte e cinco anos como dramaturgo. O fato de esse texto ter sido concebido para ser lido perante um auditório proporcionou-lhe grande vitalidade, pois, ao estar dirigido a uma segunda pessoa do plural, o texto mantém-se próximo ao auditório.

O *Arte Nuevo* enumera, por um lado, os traços comuns à comédia e à tragédia; isto é, ambas compõem-se de diálogo, verso doce e harmonia. Por outro, marca os elementos que as diferenciam na matéria tratada; a tragédia constrói-se sobre a história e, a comédia, sobre o fingimento. Todavia, Lope declara abertamente que deveria prevalecer a hegemonia do público: gosto do público deveria determinar o modo de escrever o texto dramático a cuja representação gostaria de assistir. Em *Arte Nuevo*, Lope indica as características que, para ele, tinham as boas comédias, boas em relação ao sucesso de público. E a primeira delas é a liberdade temática, ou seja, que uma comédia pudesse ter como protagonistas, por exemplo, nobres ou deuses, personagens reservados, na antiguidade, somente para a tragédia, de estilo mais elevado e, portanto, culto. Outra característica é a mistura do trágico e o cômico, da gravidade com o ridículo, pois essa natural combinação, alheia às

² A verossimilhança e o decoro eram regras que tinham a ver com o grau em que o espectador aceitava como crível o que estava a ser representado em cena. No caso do decoro, tratava-se duma questão muito rígida, pois cada tipo de personagem só falava ou vestia de uma maneira determinada, e não podia ser de outro modo.

rígidas forntearas, entretém o público e nela reside a beleza. Em relação às três regras clássicas, Lope respeitará a de ação, simplificará a de lugar, permitindo um lugar para cada ato, e rejeitará a de tempo.

No seu percurso teórico, Lope encadeia uma série de conselhos práticos que a partir da sua experiência e do sucesso obtido. Em primeiro lugar, cumpria escrever um rascunho em prosa com o assunto da comédia repartido em três atos. Este devia ter ligação (*conexio*) desde o início ao final, mas nunca se devia revelar a trama até a última cena (*solutio*), porque o público, sem suspense, ficava aborrecido. Pelo mesmo motivo – evitar o tédio e manter a distração do público –, aconselhou que sempre houvesse, na cena, palavra e movimento. Quanto à linguagem da comédia, ela tinha que ser clara, verossímil, fácil e fiel à fala quotidiana. As cenas deviam terminar com sentenças em versos elegantes, de maneira que se transmitisse um bom gosto ao público.

O assunto da comédia tinha que se expor no primeiro ato e desenvolver-se no segundo, revelando-se o final somente no terceiro. Para atrair a atenção do espectador, devia-se procurar a sacudida emocional, para o qual as cenas deviam terminar de um modo brilhante, sobressaltando o ânimo do espectador e suscitando o seu interesse pelo assunto. A métrica da comédia tinha que se acomodar ao assunto e às personagens. Assim, a partir da própria experiência, ele apontou que, para expressar lamentos, eram melhores as *décimas*. Recomendou o soneto para os momentos de espera; para contar algo, os romances e as oitavas; para os assuntos graves, os tercetos e, para o amor, as redondilhas. Quanto à retórica, Lope ressaltou, como as figuras mais importantes, as da repetição (anadiplose e anáfora), a ironia, as dubitações, os apostrofes e as exclamações. Além delas, sublinhou a importância do *equivoco*, isto é, o falar com duplo sentido. Dois temas foram destacados por Lope, o da honra e o da virtude, e ele censurou escrever sátiras muito evidentes, porque incomodavam e, assim, nunca seria possível atingir a fama como escritor. Por sua vez, a cenografia e o vestuário, para se assegurar o decoro e a verossimilhança, deviam ser adequados ao texto e aos personagens, respectivamente. Lope de Vega foi um autor muito prolífico e com obras de enorme sucesso no palco; ele acreditava firmemente que a força e a essência das comédias

residiam na representação teatral. Assim o expressou nos últimos versos que compôs:

Oye atento, y del arte no disputes,
que en la comedia se hallará modo
que, oyéndola, se pueda saber todo.³

Colocando em um segundo plano a espetaculosidade cênica e fazendo com que predominasse a palavra, Lope de Vega criou um teatro eminentemente poético, baseado na qualidade da linguagem, no ritmo e na rima, e frisou a importância de fazer corresponder a métrica com a ação. Contudo, Lope concebeu o teatro nas suas duas vertentes: o teatro como texto e como espetáculo. Nem Aristóteles nem o seu discípulo e tradutor Robortello levaram em consideração esta última, pois achavam que a força da tragédia residia no texto, não na representação.

Todavia, na sua época, a *comédia nova*, desde o seu início, foi julgada como um veículo de maus costumes. O amadurecimento do espetáculo teatral, na Espanha, foi gerou um grande deleite, mas foi qualificado como pouco educativo. A representação dramática converteu-se em um objeto de ócio para todas as classes altas. Porém, com a chegada de novos dramaturgos, como Calderón de la Barca, dotou-se a cena de maior refinamento e complexidade cenográfica, em consonância com o gosto da nobreza. De todas as formas, até o final da sua vida, Lope de Vega, fiel às suas regras, continuou criando obras variadas de grande sucesso, como *La selva sin amor* (1629), considerada a primeira ópera espanhola, as *Bizarrías de Belisa* (1634) e *El castigo sin venganza* (1631), obra fundamental do teatro áureo espanhol, demonstrando criatividade e engenho. Novos ventos chegaram com os novos dramaturgos, mas a figura de Lope sempre ficou firme e erguida no panorama das letras espanholas apesar de terem transcorrido quatro séculos desde que a sua pessoa desapareceu.

³ Tradução da autora: "Ouve atento, e da arte não disputes,/ que na comédia se encontrará modo/ que, ouvindo-a, se possa saber tudo".